

Em

Tigellopolis.

Escrito por Sobato por ocasião da Festa do
Tremembé, e conservado tal como o receti de
suas mãos. Encadernado por ele. (1906)

EM TIGELLOPOLIS

No ultimo sabbado de julho um trolly complicado patinava pesadamente na areia espessa do caminho velho, arregalando os olhos aos transeuntes que gramavam no João Guedes.

Parecia menos um trolly que uma viatura de ciganos em mudança.

Grandes pacotes de roupa, malas e embrulhos de toda a sorte na rabada, uma chocateira, uma vassoura, uma recua de chapéus e mil outros appendices deformavam o vehiculo prosaicamente.

Completavam o calhambecaço um cocheiro cor de bife crú, dois Teixeira de Freitas, duas bestas ruanas e um doutor para breves tempos. Mas não eram ciganos nem iam para Juquery.

Trotava o trolly com destino á villa das tigellinhas onde os seus transportados tinham em mira parodiar por quinze dias a republica com R. grande que

Bom do João Guedes: ir a pe

vae do Amazonas aos confins do Judas, etc. Tres poderes naturalmente se constituiram. O executivo, na pessoa do futuro bacharel Valdomiro, um campeão de lucta romana que não usa abotoadura no punho direito para mais facilmente arregçar as mangas e dizer cheio de orgulho, fixando olhos enamorados n'uns pelotes duros que se lhe formam no biceps: muque é isto! Incumbia lhe pol-o em acção no caso d'al-guma aggressão externa, e, in-da mais, precaver a republica contra o parisitismo sobrepticio que é o mal dessas insti-tuições.

O judiciario, na do dr. Gus-mão, moço de peso e fraque, e em cuja protuberancia nasal um austero par d'oculos impa com sisuda gravidade.

O poder legislativo, na d'um mocinho cor de telha, Bolato de nome, em cujos hombros re-cahiu a tarefa ardua de propor umas tantas leis fundamentaes e ter sobre si as chaves da casa e as responsabilidades da ins-

(1) Eneas Natividade

(2) Sr. Jui Boudet de Santos

tituição. Bem vascollejados e com os ouvidos azoados pelo *nhec-nhec* do troiy, ao entardecer desse sabbado de julho, pisaram com pés dormentes os schistos do Tremembé os tres poderes improvisados.

II

De como inopinadamente se resolveu um problema difficil

Chegados que foram, o poder judiciario abalou incontinente para a villa a cata d'um jantar que lhe acalmasse as dores cruciantes do estomago exigente e vazio, emquanto os outros, vindos jantados, arregaçaram mangas e investiram contra a tarefa penosa da arrumação da casa. Gemeram as vassouras, os embrulhos se viram desfeitos n'um relance, as roupas foram occupar os pregos das paredes, demarcaram se as possessões de cada um, as aranhas foram enxotadas dos cantos mail-as teias, veneraveis tapetes calvos estenderam se pelo chão: um

serviço optimo que não desagrada-
ria á mais rispida dona de
casa.

Tudo prompto, davamos a
ultima espanadella nas cadei-
ras quando um problema de
mãos bofes se erige ante as
nossas mãos encardidas: como
laval-as? não ha agua!... Um
calafrio gelou os dois poderes;
de mãos sujas como ir á villa?
Taciturnos e desconsolados ca-
híram ambos em duas cadeiras
a parafusar no imprevisto X.
Valdomiro olhava o ceu estrel-
lado com olhos que implova-
vam uma nuvem promissora
d'aguaceiro. Bolato ruminava
na má organização do mundo;
si não era tão natural que as
aguas viessem ter ás bacias
como ao iman a limalha, sem
que fosse mister o intermedio
do barril, da lata e do aqua-
deiro... Torturavam-se nesses
pensamentos atrozes quando...

— Hip! hip! hurrah!

Dois rebrilhantes latas d'
agua entraram casa a dentro
repimpadas na gaforinha de
duas pretas lusidias! E logo

atrás, Gusmão, bem jantado, cheio de novidades, a mascar um palito. E o Mercolino, e mais gente. Um formidável *Ale guá* saudou o povoamento da republica e a chegada do precioso liquido.

III

A CAÇADA FAMOSA

No outro dia após um café laboriosamente feito de collaboração e bebido com gana, Bolato e Valdomiro encheram os bolsos de cartuchos e de espingarda no hombro se foram ás aves. Valdomiro durante a caminhada contou proezas inauditas acontecidas com elle nos sertões da Cantareira; onças pintadas mortas a faca, jacarés fulminados com um tiro no olho, tiro em bando de baidacas natando sete, e outras...

— Uma vez...

— Valdomiro, não muita, eu também sou caçador, sei como são essas cousas.

— Eu juro! dou minha palavra! Uma vez...

E vinha uma pilula grande como uma abobora que Bolato fingia engulir ingenuamente enquanto ia preparando o troco, outra maior. Sairam historias de garças, aves do paraiço, jacús, veados brancos, corvos vermelhos, pacas moustros... toda uma *menagerie* bamburgueza; historias de tiros maravilhosos...

—Eu nunca errei um tiro; minto, errei um, mas descobri depois que o cartucho estava sem chunbo.

—Valdomiro! Valdomiro!
—Serio! juro.

Neste momento uma rolinha sentou a dez passos. Valdomiro fez *psiu!* e engatilhando a arma foi se aproximando da avezinha, pé ante pé, encober-to pela macega,

A' distancia de dois metros parou e applicando o cano da espingarda bem d'encontro a cabeça da rolinha puchou o gatilho. Um tiro immenso atroou o ermo. A rolinha assustada mas incolume frechou para o matto em vôo seguro.

—Matei, matei! Esta aqui
ella!

—Onde, onde?

—Ah! não é, mas deve es-
tar por aqui...

E procurava a em todas as
direcções, remechia as moitas,
arrancava arbustos... A muito
custo se convenceu que errava.

—Diabo! é o primeiro tiro
que erro em minha vida. Não
sei como foi isso...

—E o outro primeiro?

—E' verdade; é o segundo
tiro que erro... mas a bichinha
tomou chumbo, juro! vae mor-
rer adiante, a coitada.. Não
viu como sahiu penna?

.....
No outro dia, á porta d'um
barbeiro alguém ouviu este
dialogo:

—Soube da caçada de hon-
tem?

—Não...

—Oh! pois o Valdomiro
embrenhou-se na varzea e vol-
tou de lá com uma linda feira
de marrecas, saracuras e uma
grande lontra.

—E'?

— Uma caçada linda! Diz
que não perdeu um tiro; atira
muito bem aquelle menino,
atira que faz inveja...

IV

SUB TEGMINE

No dia immediato as marre-
cas e as lontras respiraram Os
formidaveis heroes cynegeti-
cos iam descançar dos grandes
labores da vespera n'um pic-nic
que fosse dupla homenagem a
Horacio e a Brillat - Savarin
Emquanto os olhos se deleitas-
sem no magnifico panorama da
varzea com a serra immensa ao

fundo, a bocca iria mastigando
deliciosos bolinhos de frigidei-
ra preparados pelas mãos cheias
de graça e mimo das commen-
saes que deviam chegar ao meio
dia.

Essa hora foi esperada com
impaciencia e, enquanto o trem-
sinho, na ultima subida, arfa-
va com desespero, pondo os

boses pela bocca, os tres poder-
res de pé na gare desfolhavam
mentalmente um malmequer de
palpites: Vêm—nã, vêm—
vêm—não vêm...

Vinham. Um punhado de
loiettes claras borbotou do bon-
de como flores que cahem d'
uma jardineira. Deliciosas!

(1) Formavam um ramalhete
gracioso, capeado por venera
vel folha de tinborão. Vinha
Miss Farfala, cor de neve, re-
cordando uma edelweis dos Al-
pes em tarde opaca, que era cor
de tarde opaca a sua blusa pail-
le—d'orge.

Em seus olhos castanhos to-
do um mundo de enigmas trai-
çoeiros boiava. Vinha ma'm'-
zelle Bijou, flor morena de
graça parisiense e salero sevi-
lhano. Os olhos escuros, avel-
ludados por uma vaga saudade,
tinham a peraltice de dois ge-
meos cassulas.

Vinha d. Exquise, flor me-
ridional, plethorica de vida e
espírito scintillante, alma, ba-
rulho e electricidade da festa.

(1) D.^a Carlota Barros

da Carlota

Vinha d. Quiteria, emerita fritadeira de bolinhos e capitã do bando. E vinha ainda, todo nervos e espinhos, irritação e amargo, o admiravel discutidor de xadrez dr. Bilis. A casa foi invadida e logo reinou o barulho, a parolagem gárrula, a pilheria, a risada.

(1)

E como havia disponível algum appetite não tardou no fogareiro a chamma azul sob a chocolateira, nem furtos de bolinhos nas cestas inda fechadas.

Mas o bouquet não estava completo; faltavam a flor tropical e o lotus silencioso. Não tardaram, porém. (Continúa)

—Boa tarde! boa tarde! vivam!

D. Dhalia e d. Quietinha entraram radiantes de frescor e mocidade, vestindo leves casacas claras. Novas risadas, novas piadas; a parolice cresceu de vulto e em breve a sala se viu transformada n'um viveiro de rouxinoes e arapongas, em cuja symphonia de gorgeios o grasnar dos tres poderes punham fon-fons de trombone.

Guilherme
Mercedes

VOSSA amecor fojando xadrez e acabou diculando so

Fo h d

de

de

de l-

de

Mas o café começou a chiar e todas as atenções se voltaram para elle.

As tigellinhas se perfilaram em redor e não tardou que um forro negro e fumegante cahisse sobre ellas.

— E colherinhas ?

— E' verdade ! ninguem se lembrou de trazel as !

— Oh ! oh ! *Que mago*

Choveram soluções para o problema, mas nenhuma satisfazia, e estavam todos indecisos quando Bolato cortou o nó gordio.

— Elege-se um dedinho á categoria de colher e elle fará o serviço.

— Bravo ! bravo ! Eu voto no fura-bolos de d. Exquise.

— E eu no minguinho de Bijou.

— E eu no pae de todos de Mis Farfalla.

Houve barulho, discussões. O accordo era impossivel, os candidatos innumerados. Afinal ficaram reduzidos a dois, o fura-bolos de Exquise e o minguinho de Farfalla, mas mes-

mo assim nada se conseguiu ;
prós e contras s'entrechocavam
sem que a escolha fosse possi-
vel. Formou-se então uma liga
para votar no *tercillus*. E sahio
victorioso o candidato da col-
ligação ; o mata piolho de d.
Quitéria. (Nota urgente : a me-
tade desta historia de dedinhos
não se deu, mas é assim que
se escreve a historia). Resolvi lo
o problema e tomado o café
com os bolinhos admiraveis
abalou o bando para o Parahy-
ba em cuja margem, sob a fi-
gueira, se ia brindar *la joie de*
vivre com um *Ponsardin* que
Bolato carregava religiosamen-
te.

Em caminho, gazillando co-
mo canarios, de sombrinhas
claras abertas, o bando parecia
um bando de garças seguidas
de quatro urúbús. A figueira
immensa de immensas raizes
chatas, estatelada a beira d'
agua numa pose escarrancha-
da, os recebeu com uma sombra
de deliciosa frescura. O rio ru-
morejava-lhe ao pé, carregando

(11)

(1) allusion to incident of
Candidate - off. Parana

molhos de nymphéas no dorso
liso e rebrilhante.

A serra ao fundo murava d'
azul a paysagem.

— Como é bonito !

— Lindo !

— Delicioso !

— Que ar agradável, não ?
Dhalia.

— Então ! Exquise.

— A fonte alli... tão boni-
to !...

— Oh ! lindo !

— *Shocking ! Magnificent !*

Exgottadas as interjeições e
os engrossamentos á natureza,
cada um se foi sentando onde
melhor commodo achou. Inti-
ma e doce *causerie*. Todos se
sentiam felizes, ganhos pelo
fluido pantheista da natura.
Sentiam-se encorporados nella
e gozavam a suave embriaguez
da *joue de vivre*. Infiltrava as
carnes e o espirito um pouco
da absoluta felicidade que deve
ser a felicidade das boas arvo-
res ramalhudas e idosas. As
sim estiveram por largo tempo.

A' hora da libação o Ponsar-
din estourou entre *hur uhs*.
As moças mal molharam nelle
os labios, mas, para compensa-

ção, os homens demonstraram
uma vez a mais a voracidade
dos seus appetites. Surgiu uma
ideia nesse interim. Escrever a
historia daquelle dia e confiar
á correnteza do rio a garrafa
com ella dentro e fazel a assim
viajar como ás garrafas de Ju-
lio Verne. Mas essa ideia mor-
reu no ovo. Todos se prepara-
vam para a volta, amodorrados
pelo mormaço, ja cançados.

— Chega de natureza, vamos
ver gente.

Ao sahir dalli para o cami-
nho havia a atravessar um mat-
to roçado.

Todos o fizeram, mas chega-
da a vez do dr. Bilis o tinhoso
armou-lhe uma das suas. O ho-
mem sem mais aquella perde o
equilibrio e cahe sentado n'um
espinhento pé de cragoatã

— Ah ! ah ! ah ! ah !

A hilaridade feminina vibrou
como crystaes ; a masculina
rancou como bronzes.

O homem levanta-se atordoa-
do e sentindo que o agarravam
por detraz, zanga-se deveras e
ralha :

— Ora largue, deixe-se de
graças. Largue do meu paletó,

homem ! Eu não gosto de brincar
cadeiras !..

O *quia* ! *quia* ! *quia* ! das
moças redobrou n'um crescendo.

O que segurava o paletó do
Bilis era um pé de cragoatá
arrancado que lhe dançava
atrás, pendurado como um rabo.

— Largue ! já disse, largue !

sinão eu parto-lhe a cara, homem
do diabo !..

Mas percebeu logo o engano
e encafifou de vez, enquanto a
risada vascollejava o bando
com mais intensidade ainda.
Foi o *mot de la fin* da festa

V

COISAS ENFADONHAS

Para matar as saudades que
o convescote deixou, uma grande
excursão foi marcada para
o dia seguinte. Excursão venatória
e piscosa. Promptos anzoes
e cartuchos, de vespera,
pela manhã Bolato, Valdomiro
e um novo, Raffael, rapaz
proprietario d'um sensacional na

riz, tomaram rumo do Parahyba. Pelo caminho cada um desfiou o seu rosario de façanhas nauticas.

—Eu, começou Valdo, já remei trinta e seis horas a fio, sem descansar nem para accen-

der o cigarro, e não me cancei absolutamente nada!

-- E eu, interveiu Raffael, que uma vez... uma vez... o que é ^{mesmo} que eu fiz ~~mesmo~~ uma vez? ah! nadei contra a correnteza desde a Penha até o Esperia. Duvidam? pois perguntem a titio, elle sabe.

—E eu então, completou Bola, que atravesssei Mar de Hespanha a pé?

As ondas eram tão fortes que. .

—E eu... E eu...

E assim, mentindo como cães, chegaram ao bote, metteram-se dentro e desatracaram.

Foi uma lastima Ninguem sabia remar. Si a rota era para a esquerda o bote guinava com a maior sem-cerimonia para a direita. Fingiam então estar

remando para a direita. Mas mal começava o fingimento o remo do bote entortava para a esquerda.

Furiosos, cada um culpava o outro da impericia, e eram desaforos e berros de todo o tamanho.

—Voce é um inepto ; remar é isto, olhe ! Mas isto sahia uma nova inepecia.

— Qual ! com voces dois é impossivel sahir do lugar, dá cá o remo que eu já ensino.

O remos mudavam de mãos mas não mudavam de conducta. E mal fincados n'agua espadanavam na encharcando as roupas. E a correnteza afinal de contas era que levava a melhor: lentamente o bote derivava sobre ella. E para cumulo de má sorte um grupo de moças appareceu na ponte. O medo de fazer fiasco redobrou as energias, mas esse redobro de energia redundou em maior atarantamento e maior fiasco.

Ellas riam do alto, apartavam, davam conselhos. Afinal, sob aquelle estímulo, ganha-

ram geito os remos e o bote
subiu o rio sem maior malu-
quice.

—Uff! Cancei.

—E eu ja estou de callos na
mão.

—Foi o diabo, as moças te-
rem apparecido...

—*Mala suerte!*

—Com vocês não me metto
n'outra.

Lamentavam-se, se entre ac-
cusando, quando veiu distrahil-
os um martin-pescador atra-
vessando o rio em vôo baixo e
pesado.

Bolato levou a arma à cara:

—Pum!

O misero passarinho estre-
buchou n'agua.

Houve felicitações, elogios.
Appareceu outro; outro tiro,
outros elogios. Bolato estava
inchado. Nisto uma enorme
saracura...

VI

De como sendo cacetes e essas
historias de caçadas, fica a his-
toria d'essa em meio.

A verdadeira caçada desse dia foi um pato assado em panelas de Taubaté. Havia um appetite feroz e foi entre berros de entusiasmo que a preciosa ave fez a sua entrada triumphal na sala. Unhas vorazes cahiram sobre elle e n'um relance do pato só restava a carcassa. Como havia uma garrafa de ~~vinho~~ ^{champanhe} foi lembrado que melhor occasião não havia de mudal-o de vasilhame.

Gusmão protestou indignado. — Tomar aquelle vinho com este pato é uma indignidade que ha de deixar a vocês com uma mancha negra no passado ;

não creio que vocês a commettam ; appello para o bom senso...

— Nada disso ! a votos ! o que a maioria decidir...

— Pelo amor de Deus ! guardem ^{a champanhe} ~~o vinho~~ ! Isso é uma calamidade !

— A votos, a votos !

Posto a votos passou que o vinho passasse incontinentemente a fazer companhia ao pato no estomago. Gusmão ficou apoplectico.

—Embora vencido pelo numero, eu lavro o meu protesto solenne contra essa heresia sem nome, esse disparate gastronomico que fará fremir no tumulo os ossos de Savarin.

Acceito o copo que me tocamas vencido, com um nó na garganta. *Dine, e estenda o copo.*

O vinho n'um relance mudou de casa e a garrafa vazia voou pela janella como um bolido. Gusmão bebeu-o com desespero, em colera,

E foram digerir o pato e mais o vinho na roleta, vendo a bolinha fazer piruetas e o Zezé jogar tostões no esguicho. Nesse dia o diabo tentou-os e as finanças republicanas soffreram o primeiro desfalque. A terceira duzia comeu-lhes umas colleçõesinhas de fichas.

—Bem feito, ralhava o Gusmão, si vocês não tivessem bebido ~~o vinho...~~ *estrogado a champagne...* E' castigo !...

VII

Nesse dia não, mas n'um dia igual a esse, houve por lá cousa divertida. Alta noite já, ron

cava o Gusmão e cochillavam os outros quando entra Valdo com uma pipa pela mão. Acordam-se todos intrigados.

— Compraste isso, Valdo? que maluquice!..

— Que vinho é? Malvasia? Xerez?

— Ora não sejam palermas,

retrucou Valdo, este é o meu vasto amigo Zequinha que perdeu o trem e vem dormir cá. 4)

Foi um desapontamento geral, mas ficou por isso; cada qual cahiu na sua cama e em breve os roncões de Gusmão ecoavam de novo no silencio da casa.

Fazia uma noite gelada. Na Patagonia talvez o frio não fosse tanto. Um frio que varava todos os cobertores, a colcha, o lençol, as carnes e ficava grudado nos ossos a arder, a arder... Um frio que tirou a Bolato o somno. E sem somno Bolato ruminava coisas feéricas, quando uma ratazana e principiou a roer a porta; roia, roia, roia, n'um barulho de quem bate o queixo. Uma hora

Juca do Telegrafo - 115 k.

d'aquillo era toleravel, mas a
segunda os nervos de Bolato
começaram a s'abespinhar. E
d'abespinhados ficaram irrita-
dos. E irritado Bolato passa a
mão na botina e arremessa a

contra a porta roida. O ruído
cessou, mas dahi ha segundos
recomeça de novo.

Outra botina, novos segun-
dos de socego; o rato insiste e
roe, roe com mais furor. O
castiçal voa contra a porta. E
depois do castiçal a caixa de
navalha. E segue-a um pé de
chinello. E vae logo atraz ou-
tro pé de chinelo. O rato in-
siste; roe, roe, roe... Era de
deixar doido! E assim se pas-
sam duas, tres, quatro, cinco
horas... Por fim o cançaco ven-
ceu e um somno de pedra ar-
ranca os tympanos de Bolato
dos dentes do inquisilante roe-
dor. Às 9 horas o levanta-
mento começou e Gusmão
~~appareceu~~ com cara de reu-
mascando injurias, estremeu-
ahado, rearmugando.

passa

—Que aproveite, que hoje não me escapa; metto cincoenta gatos esfomeados cá dentro, e...

—Ah! o rato! pensei que fora eu a unica victima...

—Qual unica! não me deixou dormir a noite inteira, o raio.

Nisto chegou Valdo em camisola, com cara de ressaca tambem.

—Vocês já viram que raio de rato? Não preguei os olhos a noite inteira.

O caso intrigou aos tres. O tal rato devia ser coisa descommunal. O Chaby dos ratos com certeza.

—Eu vi mesmo,—começou Valdo a mentir—eu vi mesmo

uma sombra correr d'um lado para outro, mas nunca supuz... Tinha assim o tamanho dum cachorrinho paqueiro...

Era elle, o tal rato, com certeza.

Os outros s'entreolharam. Valdo impossivel dava novos pormenores, explicava-se. Foi quando veio rolando dum quarto o Zequinha, com as feições transtornadas, cambaleando de

sozno e abrindo boccarras immensas, em bocejos que ameaçavam engulir o mundo.

Contaram-lhe o caso. Elle fez uma careta entediada e escancarou um bocejo.

—Ora rato, rato! Vocês estão bestas. Não houve rato nenhum... Fui eu que bati o queixo a noite inteira. Vocês põem-me a dormir no chão cimentado e dão-me para coberta um lençol...

E querem que uma pessoa n'um inverno destes não rebente de frio!? Não morri porque não tinha chegado a hora. Vocês são uns canalhas, uns ^{mas}trancas... Não falem commigo.

E passou a lavar o rosto, furioso, n'uma colera surda, mais magro meia arroba, com olheiras profundas

O outros tres ficaram um momento a olhar um para a cara do outro. Depois explodiram n'uma gargalhada immensa. Riam, riam de cahir. E o Zequinha, roxo de raiva, ensaboa-va o rosto, com vontade de chorar de desespero.

Aos primeiros desastres financeiros da republica os pais da patria compenetraram se dos seus deveres e apprehenderam a obra patriotica da sua consolidação economica. Para isso cada um andava apprehensivo, trançado consigo mesmo, de mãos no bolso e uma ruga na testa, a medir silenciosamente o comprimento da sala. De vez em quando recorriam a calculos, que eram logo abandonados: o mais forte em mathematicas só sabia a taboada até a casa do cinco. Grandes planos se incubavam nos respectivos cacos... Planos infalliveis para reben-tar as bancas de roleta. O primeiro que frutificou foi o de Valdo.

— Fazemos uma vacca e jogamos tudo na terceira duzia: dá; triplicamos a parada: dà; atochamos tudo n'um palpíte...

— Dá...

— ...dá, e... e a banca reben-ta!

—Optimo, mas não presta ;
o melhor é o meu—atallhou
Gusmão. Comc vocês sabem a
roleta tem 38 numeros.

Ora, jogando em dez nume-
ros, joga-se no terço menos
oito ; logo, segundo o calculo

das probabilidades, as chances
do banqueiro estarão para as
do apontador na proporção de...

—E' magnifico o teu plano
mas muito comprido ; quando
você acabar de expol-o a festa
estará acabada e não podemos
realisal-o—interveiu Bolato.

O unico furo que eu acho é
o seguinte : fazemos sociedade
com o Bom Jesus...

—Já vem, ja vem você com
brincadeiras ! O negocio é se-
rio, precisamos ganhar, custe
o que custar, e já que vocês
desprezam o meu 1º plano apre-
sento um segundo.

—Optimo, vejamos.

—E fazer uma vacca e jogar
bestialmente a torto e a direi-
to.

—Topo !

—Topo !

(1) Palavras de Tremembé
do 1º acto da festa

Fez-se a vacca, jogou-se bestialmente e mais bestialmente ainda se perdeu tudo.

A' noite quando se recolheram vinham os tres júúrús, de mãos nos bolsos e olhos no chão.

— Si não fosse você fazer aquella jogada...

— Eu ! eu ! eu fiz o jogo que vocês indicaram.

— Ora não diga asneiras ! você fez um jogo d'imbecil. Nem o Amaro faria aquillo. Jogar só nos numeros que não davam... E' d'arromba !

— Vamos ver amanhã o que você faz.

— O que eu faço ? o contrario do que você fez e juro como hei de ganhar.

No outro dia nova vacca e

jogo novo. Perdeu se de novo bestialmente apesar do jogo contrario. Voltaram de bico cahido e cheios de lerias.

— Como não se havia de perder ? Voce esteve o tempo todo torcendo...

— E' boa ! pois então...

— Pois é, hontem torcemos,

hoje como o jogo era o contrario vocês deviam destorcer.

— Começa! começa! Você não toma nada a serio, nem o jogo... Arre!

Abandonaram de vez o jogo bestial de direito e de avesso e recommçaram os planos infalíveis. Mas a macaca andava-lhes ás costas e não houve enxotal-a. A bancarrota batia ás portas. Alguem lembrou um ~~funding loan~~. Outro um emprestimo. Venceu a ideia do emprestimo. O maldicto rodinho do Leopoldino arrecadou no quarto dia o producto liquido do emprestimo. Um segundo emprestimo fracassou. (Em-
prestimo, emprestimo, empres-

timo... Credo!). E como a bancarrota batia com muita força abriu-se a porta para não tel-a arrombada.

IX

A BANCARROTA

— Que vontade de tomar café... ha assucar?

— Houve.

Suspiros. Olhares saudosos pousados na mesinha outr'ora tão farta, onde havia assucar, pó, espirito de vinho, pão...

—Dá-me um cigarro?

—Não tenho, fumei o ultimo hontem.

—Tens um tostão ahí?

—Não; para que?

—Para mandar buscar uma lata d'agua. Não temos agua para lavar o rosto amanhã.

—Olha o fidalgo! pois vamos lavar-os no Parahyba; tão perto...

—Si eu tivesse um nickel!...

—Que fazias?

—Mettia-o na caixa economica.

Após a penuria a humilhação. Um Rockefeller surgiu entre nós, o Marcolino. Entrou nesse dia batendo os pés. Sentou-se na cadeira de balanço e estirou-os sobre o sofá.

Saccou do bolso um cigarro e poz se a pital-o com magesta-

de, sorrindo de vez em quando a alguma ideia cor de rosa que lhe atravessava o cerebro. Os outros extranharam aquelles ares. Que diabo! o Marcolino não era assim...

— O' Marcolino, que é que te aconteceu?

— Ahn...

— Accorda homem, que é que te succedeu?

— Ahn...

— Viu o passarinho verde?

— Ahn...

— Dá me um cigarro?

— Não dou,

— Ué! o homem está outro...
Que será?

Todos olhavam-nô sarapantados, perplexos.

Que seria? Namoro? alguma conquista feliz? Ninguém atinava. De repente o homem entre duas baforadas atrevidas murmurou *telegrammaticamente*:

— Vou hoje, Taubaté; quem nada?

Ia para Taubaté... Oh assombro!

— Pois tens então essa fortuna que é uma ida e volta á Taubaté? ó Marcolino extraordinario, ó Jacintho Galião!

— Dezeseis.

— Vae no dia dezesseis ?

— Arre ! como vocês são
brancos ! digo que tenho de-
zeseis mil reis.

— Dezeseis ? deze... Repete,
Marcolino, repete essa phrase
feliz. Tens dezeseis mil reis ?
Um abraço, amigo.

— E quebrados, coisinha...

O assombro chegou ao auge.
Era inaudito aquillo. O ines-
perado milliardario viu-se ro-
deado da casa inteira. Todos
queriam pormenores, todos an-
ciavam pelo *como* da subita
fortuna. Amollecido pelos en-
grossamentos ia elle explicar o
phenomeno quando o bond api-
tou.

Rockfeller ergueu-se, accen-
deu outro cigarro ostensiva-
mente e se foi a tomar o bond,
seguido do nosso pasmo e da
nossa admiração. Dezeseis !
Quinze e mais um ! E quebra-
dos, coisinha...

X

Onde se prova que dinheiro
nos pés fica em maior seg-
rança que n'a'gibeira,

—
Marcolino foi ~~além~~, mas voltou de tarde. Todos foram esperal-o na estação, com abraços, cheios de saudade. Elle apeou com serena gravidade, seguro de si, olhando para os pés.

—Então? foste feliz de viagem? não queimaste a roupa? Vieste mais bonitão!

—E o rico dinheirinho? quanto tens ainda? hein meu rico Marcolinosinho.

—Não tenho mais nada, comprei este par de botinas; não sou arara.

Todos os olhos desceram para o chão. Realmente, os pés do Marcolino se regalavam n'um par de botinas novas em folha. A indignação foi geral.

—Pois fizeste isso, homem de Deus!

—E' uma indignidade. Voce não é amigo, Marcolino, voce é um traste. E quer saber duma

cousa? não fale mais commigo, estamos mal.

— Nem commigo. Uma creatura que procede como voce procedeu merece o flagicio da posteridade.

— O que? o Agricio? Agricio de Camargo?

— Falgicio, homem funesto de botas novas. Flagicio dos posteros. E' palacio?

— Botina nova... que cousa ridicula! E botina ringideira ainda por cima.

— Ficaste assim com um ar de sendeiro, meio parvo... tal qual bezerro caracú mestiço com china.

— Feio!

— Pé espalhado!

— Zé Faz Formas!

E o deixaram só.

O Marcolino perdeu os companheiros mas ganhou um optimo par de botinas.

Foi o unico que passou a perna na roleta. E nem se nas apparencias !...

AMARO

—Aáá ! aáh !

— Vem cá, Amaro

—Aáá ! aáh

Amaro é o rei de Tigellopolis. Mais que rei ; é o supremo motor de tudo, o Omnifactor. Si o sino toca chamando o mulherio á reza, Amaro no largo, com um enorme riso de felicidade na cara, grulhando uns «aáh, aáh» de mudo, pendura-se n'uma corda imaginaria e rivalisa com o sineiro de Notre-Dame ; todo o repique fica sendo obra sua.

Mas atiçam foguetes. Amaro deixa o sino e sempre grulhando, sempre com o mesmo rictus entreabrindo lhe a beiçarra, Amaro se põe a fazer subir os foguetes—çhiii ! — ; a fazel os rebentar —pon, pon !— a fazer cahir as varas—ziiit !—n'uma alegria, n'uma felicidade que mette inveja.

O bondinho apita. Amaro espicha a orelha : é signal de chegada. Amaro corre a dirigir o

serviço. Corre, corre sorrindo, feliz, feliz. O bonde para, Amaro faz gesto de parar; a locomotiva desengata, Amaro faz gesto de desengatar; move-se, vae, vem, atraca uma gondola de schisto, muda de linha; Amaro gesticula, corre ao lado, fal-a mover, fal-a ir, vir, atracar a gondola, mudar de linha. Findo o serviço Amaro está suado, cor de tijollo, mas feliz, risonho, contente comsi-go; o serviço ficou tão bem dirigido...

Um casal de noivos passa. Vem do Padre Eterno. Ella corada, de olhos no chão, a mão pendurada á cinta, um leucinho de renda pendurado á

mão. Elle requeimado de sol, de chapéu novo, de paletó de diagonal novo, de calças novas, pisando em ovos com a maldicta botina nova.

Amaro zarpa atraz. Leva os à igreja, manda-os ajoelhar com um gesto e casa-os simultaneamente que o padre, com outro gesto.

(1) Bairro do Tremaral

Amaro está onde estiver a festa ; está perto dos foguetes, do sino, da locomotiva, do padre, do leilão, da fogueira ; está onde estiver alguma coisa em movimento, para a dirigir, para exercer sobre ella a acção da sua vontade.

Mais feliz que Amaro nem o mr. Joyense de Daudet, porque mr. Joyeuse acordava dos seus sonhos de ventura e em Amaro esse sonho é normal, dura os dias que dura o anno, durará os annos da sua vida.

Chamam-no de louco... Mas é essa louçura o ideal do homem, é a Felicidade Suprema ! Ver tudo roseo, ser o factor do movimento, guiar os astros e os foguetes, casar os noivos, ser a alma genitrix do Universo... Que valem a par desse estado d'alma as nossas pequeninas e fugazes felicidades ?

Já o disse Sheridan, que o louco...

*Suspende, penna que qu'in
do philosophas és mus massan-
te que um sermão de frade.*

O tio João é outro, outro bohemio da vida ao ar livre que merece ir para a galeria dos Sabinos, dos Ilás, dos Trintakilos, dos Bemlocos, das Nha Ignez Satis.

Preto como um carvão. Lustroso como um par de botinas engraxadas.

Uns olhos velhacos; velhacaria de raposa velha no falar e nos modos. Um modo de olhar com o rabo do olho, de cabeça baixa.

Veste farrapas e do cocuruto, onde a carapinha é mais emmaranhada do que o estylo do sr. Wenceslau de Queiroz, nunca sahe o chapéu; uma nesga de feltro pesado de sebo.

Tio João sabe viver. Tem a sua philosophia. Considerou que esta vida merece realmente o que della disse o patusco Salomão e resolveu leval-a de

troça. Viu que cada um a cava d'um modo, uns com a enxada, outros com a lingua, outros com a gazua; resolveu caval-a com o úrucungo.

E' um modo de viver que talvez Erasmo não censurasse.

Com pequenas variantes, de instrumento e de meio, Florizel von Reuter não vive de outro modo. Nem o viveu Beethoven. Donde se vê que até a immortalidade pode Tio João aspirar. Mas não o faz.

Em vez da gloria prefere um nickel e daria a immortalidade em troca de dois.

Foi quanto lhe demos, um dia, no largo, para que cantasse.

Tio João não se fez de rogado.

Arrepanhou o peito da camisa e no peito nú ajustou a cuia do úrucungo.

—P'ra que essa cuia no peito, Tio João?

—P'ra fazer: num, num, num, siô moço.

E demonstrou o explicado vibrando a corda d'onde tres notas simples tiravam um rythmo soturno e abafado.

E cantou n'uma voz de bohemio em ressaca, quebrada e baça :

Vancê disse que eu sou feio
Tenho nariz esborrachado
Que diria se suncê visse
O nariz do meu cunhado.

Em torno uma rodinha se formava; chegou Valdo. Miss Farfalla appareceu á janella, branca cor de neve.

D. Quietinha e d. Dhalia que saham da igreja encaminharam para elle os seus passos, acompanhadas de Gusmão, muito lampeiro no seu fraque moderno. D. Lili tambem veiu, toda rosea, toda requebros cheios de graça, uma risada prestes a esvoaçar da boquinha gorducha, um «beijo de frade» escarlata, berrando na negrura do cabello.

E o negro, ancho d'aquelle auditorio repinicava o arame com arte consummada, gru

nhindo quadrinhas sobre qua
drinhas.

Negrinha, minha negrinha
E' verdade não é mentira
Você anda se arregalando
E eu aqui lambendo embira.
— Bravo ! bravo !

— Outra, Tio João, outra !
A rapoza fazia uns tregeitos,
modulava uns accordes e de
sandava outra, e outra, e ou-
tra, uma fieira. O commentario
refervia, em surdina, cochicha-
do.

— Já conhecia esse instru-
mento, Miss Farfalla ?

— Não, nem de nome ; mas
como é engraçado !

D. Lili mirava o com curio-
sidade.

— Si eu pudesse — disse — eu
tinha este preto no quintal,
n'uma corda, como um macaco ;
tão curioso, não ?

Valdo aproveitou a vasa pa-
ra distribuir pilulas.

— Conheci um russo que to-
cava isso maravilhosamente,
com o pé. Vi no Polytheama,

em S. Paulo. Tocava tu-lo, até as operas de Wagner. E' serio, não estou falando de caçoada não.

Nisto o Amaro desemboccou no largo e mal viu o ajuntamento correu para elle, a dirigir o serviço.

—Aaah! aaah!

Abriu um caminho por entre o povo e, bem de frente ao virtuose, se faz a rir, n'um

riso immenso espalhado pela cara inteira.

Tio João fitou nelle os olhos velhacos: e sorriu compassivamente, elle, o roto. E se poz a dançar para que o outro dançasse.

E outro dançou, julgando fazer dançar á raposa.

—Dança urso, dança urso— cantava Tio João repinicando a corda.

E o outro, grotesco, ridiculo, dava uns pulos desengonçados que destampavam a risada na rodinha inteira, mas alegre, feliz, director, ali tambem, de mais aquelle serviço, causa da-

quelles movimentos, factor dos
tregeitos do neguo, dos sons
do úrcungo dos versinhos, das
risadas de Lili, das petas de
Valdo, do fraque de Gusmão,
alegre, feliz, um riso immenso
derramado pela cara inteira.

XIII

Lá pela republica o cambio
subio.

Bolato trouxera uns cobres
de Taubaté, cobres felizes que
proliferaram.

A *chance* bafejou a todos.
As carteiras se recheiaram.

Até Valdo ganhou, e bastan-
te, mas depois soubemos que
ganhou de mentira. O Rockfel-
ler de dias antes cahiu do pe-
destal e as admirações conver-
giram todas para o heróe das
grandes boladas, Gusmão.

A' noite já se não dizia—
perdi tanto.

O verbo conjugado era bem
mais doce, bem mais agradavel
de se pronunciar. Foi o Euci-
lhamento da republica. Mira-
gens aureas, despezas fabulo-
sas, saques sobre o futuro.

Valdo comprou meia garrafa de espirito de vinho ; Mario uma libra de assucar ; Gusmão um garrafão de garapa. O di-nheiro corria em rios, para os taboleiros de cocada, para as casinhas de peixe frito, para o estomago dos jabúrús, para o molock do panno verde.

Compraram-se maços e maços de cigarro, cinco caixas de phosphoro !

Fumaram-se alguns charutos. Engraixaram-se os sapatos. Foi um delirio de nababo. E a escorraçada bancarrota que nos andava espiando voltou a rondar a casa.

SEPTENARIO DOS QUE TEM 18
ANNOS

Noitinha. Um luar que briga no ceu com a luz moribunda do dia.

Repica o sino, dlen, dlon, dlen,.. chamando em voladas

de voz metalica o povo ao se-
ptenario.

As calçadas até alli cheias
de gente em pacata digestão
esvasiam-se; recolhem se as
cadeiras das portas.

Mulheres affluem de todos os
cantos enleadas em chales es-
curos, de mantilhas, de capa.

Homens sisudos enfarpella-
dos de preto tiram as ultimas
fumaças do cigarro e entram
para a egreja.

Magotes de moças, *psi, psi,*
psi, gorgeando risadinhas e
cochichos, derramam na massa
escura do beaterio punhados de
notas vivas.

Veste uma o branco, outra
tem a blusa vermelha, aquella
vae amarellinha como um ca-
nario, já d. Exquise está toda
lilaz e Dudu, inteirinha d'azul.

Grupinhos se formam em ca-
minho, desfazem-se, fundem-se
um no outro. Este espera aquel-
le. Aquelle parou porque Fifi
foi correndo buscar o leque es-

quecido. E este cá, porque fez
roda? E' que a Lálá está refa-
zendo o laço da botina.

Os rapazes rondam perto;
estão sempre onde estão as mo-
ças, arrastados por essa força
que junto aos estames sempre
traz os pistillos.

Valdo, Rafa, Gusma, Bola,
estão à porta, rentes, na bre-
cha.

Miss Farfalla passa, *atamine
fauve*.

—Como está mimosa hoje,
não?—cochicha o commenta-
rio—dà uma sensação de Eu-
ropa, de *cottage* inglez, não é?

D. Dhalia entra, frufufu
fru, b'usa morango esmagado,
saia papoula.

—Imponente hein? jarra de
Sevres com grandes chrysan-
themos vermelhos.

—Já d. Quietinha é o mesmo
Sevres mas cheio de violetas
e margaridas.

D. Quietinha passa, silen-
ciosa, n'um silencioso vestido

branco, o olhar baixo, o andar leve.

Seguem-na magotes de po-
ro, gente feia, caipiras, ne-
gros, beatas remechendo rosa-
rios sob o manteu—perfeitos
bezourões de campo em cami-
nho para a toca.

Subito, outra moça, Lili—a
risonha, toda d'azul moribunão
tocado a ardozia raspada.

—Hein? um chique!... Faz-
me sempre recordar, esta me-
nina, tres expressões francezas:
grassouillete, caillete e pote-
leé.

—E a mim, quando vejo d.
Stellia sabes o que? aquella
imagem do Ricardo—palmeira
humana.

—E tem vida longa...

D. Stellia chegava, toda de
preto, olhando com os olhos
meio cerrados atravez do pin-
ce nez de ouro, elegante, fle-
xuosa.

Simpina Andrade

(1)
Acompanhava-a um *b jou* de
creatura, ar d'ingleza, delgadi-
nha, *fluelle*, em casimira clara.

E vieram outras e outras. E
vieram mais homens e mais
beatas. A igreja enchia-se. E
vieram padres, nedios, abba-
ciaes, de palito na bocca, ar-
rotando.

O largo s'esvasiava. Uma ou
outra beata, arrumando ainda
o chale, desemboccava d'algun
corredor, n'uma pressa, n'um
açodamento de barata em ves-
pera de chuva.

Os rapazes enchiam a sali-
nha dos milagres. Pudera! si
as moças estão todas de fron-
te, o olhar posto no santo, o
rabo dos olhos na salinha...

TO FLIRT — *Grelar*

O ~~Flirt~~ é instituição exclu-
sivamente yankee. Estudando-
o Emile Faguet nega a possi-
bilidade da sua aclimação fora
da yankia. *Flirt*, lynchamento,
constituição federal, *trust*, hu-

(A mulher de Van Erven

mour, e *ke wak*, são coisas que importadas emboloram na viagem e chegam cá insipidas e estereis. O *Flirt* veio nos importado e embolorou; mas sofreu ao chegar umas adaptações que o tornaram genero de tão vulgar consumo como o phonographo. E teve uma extracção immensa, tão grande como a da funesta invenção de Thomaz Edison

Flirt não é o velho namoro. Este é o genero de que o *flirt* é uma das especies mais interessantes. O namoro é sedição e traz a ideia da porção de coisinhas ridiculas que faziam o encanto dos nossos bisavós, a folhinha de malva, o

ramilhete de *forget me not*, a mecha de cabello amarrada com fitinha verde, os suspiros, o «vel-a e amal» foi obra d'um momento», o «sou um desgraçado, Elvira!» e outras antiquinhas de resequido sabor. O *flirt* é uma correspondencia, uma palestra intima entre dois

o res d'olhos. Só, sem mais nada, sem consequencias de especie nenhuma. Si entram em scena os apertos de mão demorados, os contactos discretos, o dialogo dos pés, já o flirt deixa de o ser. O flirt só joga com dois pares de olhos e está nisso a sua grande superioridade. Não ha barreiras que o interceptem. *On flirt, quand méme!*

E' americano, e por isso pratico. Entra na categoria dos *sports*. E' o *lawn tennis* dos olhos.

O namoro exige sempre uma mesma pessoa e isso é massada, faz o pobre namorado andar n'uma eterna dobadoira, de nariz farejante, procurando - A.

O *flirt* não, só requer um par d'olhos e belleza em sua possuidora. Onde quer que o encontre zás!... está armado o *flirt*.

Que importa que os flirtados

de hontem fossem castanhos, que os de ante-hontem verdes e que os d'amanhã sejam, talvez, azues? Os de hoje são negros, a sua dona é formosa: o *flirt* como oportunista que é, não pede mais, isso basta.

Este systema tem immensas vantagens, não faz do *sportman* um magro cão veadeiro, de nariz cahido, sempre farejando a mesma caça. Toma a que encontra e onde a encontra. Findo o *flirt* não ha mais nada entre ambos; quando muito a impressão d'uma vaga saudade; continuam ambos livres como d'antes com ampla liberdade de cada um pelo seu la-

do flirtar quem quizer ou repetir a dose, caso surja nova occasião e haja mutuo assentimento.

Traduzido em vernaculo, ou melhor, vestido em calão, dá —grelar, ou ainda comer mamão; mas este é uma degenerescencia do *flirt*, pois que o classificou assim uma *flirteuse* eximia:

— O mamão come-se de tres maneiras ; com a bocca, quando si é noivo ; com os pés quando não se está de botina nova ; e com os olhos quando não se pode comer nem do primeiro nem do segundo modo.

Donde se deduz que comer mamão não é bem *flirt*. Fiquemos com o grelar que o traduz com mais propriedade.

Um rapaz vê outro de olhos grudados n'uma moça ; pergunta

— Está grelando ?

— Está

— Ahi, damnado,

Esse «está» significa que, embora de olhos postos no santo, humilde, murmurando rezas, de instante a instante ella funde o seu olhar no olhar d'elle, n'um movimento rapido e cheio de expressão. Os olhos d'elle bebem aquelle olhar n'um gole poupado, e ficam outra vez immoveis em posição, a espera de outro, nessa immobilidade do sapo quando engole uma

mosca. O outro vem logo, o terceiro não demora, e o quarto, e o quinto e assim se vão succedendo, os olhares della, n um rosario delicioso de vezes.

Aquella fusão de olhares é o supremo encanto do *flirt*. Toda a alma, todo o corpo de um entra a habitar por um segundo a alma e o corpo do outro. E' a communhão de dois desejos, de dois sentimentos, de duas fugazes ternuras; é a confiança instantanea do que o cerebro pensa e a palavra não diz.

O melhor meio de vencer uma
difficuldade

Para o *flirt* como para a *photographia* a condição primordial é a *mise ou point*. E' mister que os olhos possam se encontrar com desembaraço, coisa não muito facil na igreja, onde são innumerados os espelhos sem aço. Em geral ao *flirteur* incumbe essa tarefa, mas ha um methodo novo que tem produzido optimos resultados.

E' o systema de Raffa (S. G. D. G.). Diz o seu inventor :

— Voce chega e colloca-se bem visivel ; ella te vê logo, mas como são muitos os espe-
lhos ella levanta-se, senta se, ajoelha se, levanta de novo, vae conversar com fulana, aproxima se de sicrana, recua, avança ; de repente pára, fica quieta : é que se collocou, está focalisada e voce pode grelar socegradamente.

Mulher é como paca, vira, meche até encontrar a toca.

Este systema é optimo: poupa ao homem uma grande massada, alem do cafuné que lhe faz no amor proprio. Ellas não o acham tal, mas paciencia, nem tudo são rosas e, como diz Lao-Tsé-Yang, em tempo de chuva não ha pecego sem bicho.

FINIS

—
Esta lenga-lenga ja vae massando ; é bom que cheguemos logo ao *hic jacet*. E é bem funebre o *hic jacet* desta historia ..

• • • • •
O bote ia repleto, cheio até
a bocca, não comportando mais
nem uma cabeça d'alfinete...
Assalta-o a borrasca... Ha tro-
vões, raios, relampagos...

Ondas enormes ameaçam sor-
vel-o... Os tripolantes estalam
os musculos nos remos, no de-
sespero de se desvencilhar do
perigo. Tudo em vão! Uma
onda veiu, uma onda gigantes-
ca, que abriu rente da fragil
embarcação um abysmo de im-
mensa bocca negra... Ouviu-se
um grito lancinante de supre-
ma dor e Gusmão, Valdo, Bo-
lato, Marcolino, Zequinha e
Raffa se viram devorados pelo
barathro.

Et l'histoire finit, faute de
personnages.

Zobedeu da Silva



